

SANS-CULOTTES: OS PRINCIPAIS ACESSÓRIOS DA REVOLUÇÃO FRANCESA POPULAR.

Camila Quadros¹

Resumo:

O artigo propôs trazer à tona os sans-culottes, pois foram personagens coadjuvantes da Revolução Francesa que, como os atores principais, os burgueses, acreditaram que ela traria uma vida melhor. Muito se acredita que ela foi uma revolução popular, o que é correto, se pensar que ela de fato foi feita pelo povo. No entanto, é equivocado se considerar que esse povo francês estava longe de ser homogêneo em sua constituição e interesses. Entre ele, estavam os sans-culottes, parisienses pobres, que apoiaram os revolucionários e que, durante a fase popular da Revolução, agiram junto a eles, o que infelizmente não lhes garantiu resultados duradouros. Com o intuito de situá-los em meio a esse grande marco histórico, foi elaborada uma breve explicação sobre uma das maiores revoluções da história mundial ocidental, senão a maior, seguida da explanação sobre eles e suas ações, focando nos anos de maior atuação, 1792-1794.

Palavras-chave: sans-culottes; revolução; populares.

1. A sociedade francesa no século XVIII.

A França apresentava uma realidade política econômica que não correspondia ao contexto da época, pois mantinha vivas características da sociedade feudal medieval. A sociedade ainda era dividida em três estados, sendo o primeiro deles a nobreza, que contava com 400 mil pessoas (entre os 23 milhões de franceses)² e muitos privilégios, inclusive a isenção de impostos e o usufruto de tributos feudais. Por ser inativo economicamente falando e altamente dispendioso, cada vez mais recorria às tradições fiscais para seu sustento, sobrecarregando as classes inferiores³. Tinham seus méritos por serem reconhecidos como os guerreiros, apesar de existirem os empreendedores no comércio ultramarino, manufaturas, mineração, agricultura capitalista⁴, o que justifica

¹ Graduanda em História, na Universidade Federal do Paraná. Email: ca_0903@hotmail.com

² HOBSBAWN, E. J. A Revolução Francesa. In: _____. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 75.

³ Os chamados *feudistas* surgiram para reviver os direitos feudais em favor dos nobres.

⁴ Proprietários de terras cercavam as terras comunais (campos, matas, pastos coletivos) e pagavam salários aos camponeses pobres para produzirem nelas, os quais agora teriam de pagar pelos bens comunais e obviamente eram contrários a tal agricultura.

uma pequena parcela de apoio às aspirações burguesas revolucionárias de liberalismo econômico.

O segundo estado era composto pelo clero, em torno de 130 mil pessoas, que possuía em média 6% das terras francesas e a isenção total de tributos. De maneira geral, o clero francês significava riqueza, afinal não pagava impostos e ainda lucrava com as colheitas e os aluguéis de suas terras. Diferente da aristocracia eclesiástica, os padres, vigários, o baixo clero, eram nascidos e viviam com o povo, por isso compartilhavam dos mesmos interesses desses.⁵

O francês que não pertencia ao primeiro ou ao segundo estado, se inseria no terceiro, conseqüentemente o mais amplo e diverso, sendo todos reconhecidos como o povo. Englobava os camponeses, maior grupo, cerca de 80% da população,⁶ que deviam uma quantidade de impostos exorbitantes ao senhor da terra, à Coroa e também o dízimo ao clero, o qual era muito odiado, pois se destinaria à caridade, entretanto sustentava o luxo eclesiástico.

Eles não contavam com incentivos à agricultura e não tinham terras em abundância, assim produziam pouco e ficavam com menos ainda. As más colheitas resultavam em *jacqueries* (revoltas rurais) e em 1788, com a grande crise agrícola francesa, aconteceu a maior delas, que serviu também para acirrar os conflitos sociais que desencadeariam a Revolução no ano seguinte. Devido à situação camponesa tão precária, eles estavam entre os principais apoiadores da Revolução.

Outra categoria que formava o último estado era a burguesia, que por si só já divergia bastante. Desejava o fim dos regulamentos e barreiras alfandegárias entre as províncias e a extinção das corporações de ofícios. Os burgueses que vinham se consolidando em toda Europa, há bastante tempo, chegaram ao século XVIII com grande poder aquisitivo e, em especial na França, desejando o poder político equivalente ao econômico. Nesse grupo existia a média burguesia, a mais numerosa e não tão rica, dos profissionais liberais, artesãos e comerciantes prósperos. Influenciaram muito na Revolução, pois foram fundamentais para a disseminação das ideias revolucionárias, de onde saíram os principais líderes. Já a alta burguesia, era representada pelos industriais,

⁵ OSTERMANN, Nilse Wink; KUNZE, Iole Carreta. *Às armas, cidadãos!:* a França revolucionária 1789-1799. São Paulo: Atual, c1998. p. 24.

⁶ HOBSBAWN, E. A Revolução Francesa. In: _____. *A Era das Revoluções:* Europa 1789-1848. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 75.

financistas, banqueiros, que devido ao seu poder econômico, também foram determinantes na Revolução.

2. As causas da Revolução Francesa e o desenvolvimento dela.

A crise econômica francesa do século XVIII se deu por inúmeros motivos e desencadeou problemas em todas as esferas sociais. O país não era a potência mundial (esse posto era da Inglaterra), tinha uma economia, estrutura fiscal e administrativa obsoletas. Baseava-se na agricultura que não contava com grande apoio e, nas últimas décadas, vinha enfrentando sérias dificuldades atingindo todos os setores. Para piorar, a França enfrentara duas grandes guerras praticamente seguidas: a guerra dos Sete Anos (1756 – 63) e a guerra pela Independência dos Estados Unidos (1776), o que só fez aumentar muito a dívida externa.

Com o intuito de melhorar a economia, em 1774-6, o primeiro-ministro Turgot propôs uma série de medidas que resultaram num fracasso total, só serviram para inflamar ainda mais os ânimos do povo, principalmente os burgueses, e para comprovar mais uma vez a ineficiência do rei Luís XVI, que há muito já não agradava.⁷

Com a economia e a política fortemente abaladas, em 1788, foi feita a convocação para os Estados Gerais, que evidenciava a crise do período, pois a última havia sido feita em 1614. No dia 5 de maio de 1789 começaram as reuniões dos representantes dos três estados (os do terceiro eram em 610 homens e o primeiro e segundo somavam 561⁸) para aprovarem as reformas no país. A primeira vitória revolucionária se deu nesse primeiro momento, pois segundo a tradição, a votação aconteceria por ordem e não por cabeça, mas os representantes do terceiro estado conseguiram que os votos dos deputados fossem validados individualmente, sendo eles a maioria.

⁷ Segundo Ostermann e Kunze, em 1786, o tratado comercial com a Inglaterra permitiu que produtos ingleses entrassem mais baratos na França, prejudicando a produção nacional, causando recessão na indústria. Em Aversville, 12 mil operários ficaram desempregados e em Lyon, 20 mil.

⁸ HOBSBAWN, E. J. A Revolução Francesa. In: _____. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 78.

OSTERMANN, Nilse Wink; KUNZE, Iole Carreta. *Às armas, cidadãos!:* a França revolucionária 1789-1799. São Paulo: Atual, c1998. p. 36.

Em 9 de julho, os representantes do terceiro estado, temerosos com o destino do Conselho dos Estados Gerais, fundaram a Assembleia Nacional Constituinte, para que seus objetivos fossem garantidos nas reformas constitucionais⁹. A notícia da criação da Assembleia se espalhou e provocou as massas para o desencadeamento da Revolução que estava por vir. Assim, em 14 de julho, os populares, a maioria artesãos e moradores dos bairros pobres de Paris, tomaram a Bastilha, símbolo do absolutismo. Apesar de não ser mais uma prisão política de fato, a sua queda permitiu que os cidadãos se armassem contra a resistência do antigo regime e significava o fim dele. Depois do movimento revolucionário urbano, chegara à vez dos camponeses entrarem na luta, iniciando uma série de ataques às propriedades rurais, castelos, abadias, celeiros, saqueando, destruindo colheitas, queimando arquivos de dívidas. Esse foi o Grande Medo que marcou os últimos meses de 1789 e colocou os resquícios feudais em total decadência.

Em agosto, a Constituinte avançou alguns passos e no final do mês proclamou o primeiro documento oficial daquela nova fase francesa que estava nascendo, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Serviu como exemplo para diversas outras nações, permitindo vê-la até na configuração atual de muitos países. Ela era o reflexo dos que estavam no comando, burgueses que aspiravam uma nação melhor, em especial para eles, o que não necessariamente era concreto para os franceses pobres.

Nos primeiros anos, a Constituinte proclamou a Constituição Civil do Clero (1791), que o limitava e o subordinava ao Estado, confiscou terras da igreja, reformou os tributos, levando a estrutura feudal para o fim, que ocorreu verdadeiramente em 1793. Em junho de 1791, a família real, que há quase dois anos estava alojada em Paris, tentou fugir para a Bélgica, mas foi pega no caminho e acusada de traição à pátria. Em setembro do mesmo ano, proclamaram a nova Constituição, que estabelecia uma monarquia constitucional baseada num direito de voto censitário.

O fervor revolucionário francês preocupava as demais monarquias a sua volta. Na tentativa de combater a Revolução e aceitando o pedido de auxílio do rei Luís XVI, a Prússia e a Áustria¹⁰ ameaçaram invadir o país e declarar guerra. Nesse momento a França estava dividida entre jacobinos (revolucionários mais radicais) e girondinos

⁹ Tal acontecimento marcou a primeira fase da Revolução Francesa, que durou até 1792 e conseguiu alcançar boa parte dos interesses burgueses, sem incluir suficientemente os populares.

¹⁰ Depois da morte do rei, a Prússia, Holanda, Espanha, entre outros reinos europeus, formam uma coligação contra a França, liderada pela Inglaterra.

(mais moderados, representavam os grandes burgueses e distinção intelectual); entre os apoiadores e contrários a guerra.

Sem ter um exército fortificado e em meio a uma desordem social política, a guerra foi declarada em abril de 1792, pois se acreditou que seria lucrativa e benéfica para o fim do absolutismo. Toda a população francesa foi convocada, que perdeu, culpando o rei. A invasão externa só foi suspensa após a difícil batalha de Valmy, em 20 de setembro de 1792, a qual pôs fim também aos contrarrevolucionários internos¹¹. Conforme Silvio Costa afirmou, mais do que um sucesso para o exército francês, a vitória demonstrava o poder das forças revolucionárias que, mesmo não muito equipadas, conseguiram vencer os inimigos contrarrevolucionários aliados a monarquia.

A situação política do país estava caótica, a Assembleia Constituinte havia dado lugar a Convenção, que tinha por objetivo revisar a Constituição de 1791. O rei tornou-se prisioneiro¹², em 1792 foi proclamada a República, que começou sobre o comando dos girondinos. O desequilíbrio político francês, a complicação na guerra e uma grave crise financeira mobilizaram as massas que, em junho de 1793, deram um golpe e levaram os jacobinos ao poder. Começava a fase mais dura da Revolução e a mais próxima dos desejos populares, com duração de 13 meses que, graças à ação da Convenção, terminou no Nono Termidor, data no novo calendário revolucionário. Por ser a fase em que ficou mais visível a participação dos sans-culottes, será melhor abordada nas páginas seguintes.

O Termidor significou a volta da alta burguesia para o comando do país e a consolidação das suas conquistas de 1789. Para isso, foram eliminados seus inimigos políticos e os populares (sans-culottes, jacobinos), medidas foram tomadas visando seus interesses econômicos e políticos. A economia beneficiava os grandes negócios, uma nova Constituição foi promulgada, o poder executivo se concentrou no Diretório, formado por cinco deputados sorteados. Manobras políticas garantiram a permanência dos termidorianos no Diretório e a França feudal tinha se tornado capitalista, como os burgueses sempre desejaram.

¹¹ As tropas inimigas contra revolucionárias contavam com 80 mil soldados, liderados por Brunswick, contra os 30 mil homens debilmente armados, insuficientemente treinados e indisciplinados, liderados por Dumouriez.

¹² Luís XVI foi decapitado em janeiro de 1793 e Maria Antonieta nove meses depois. Seus filhos, ainda crianças, também foram mortos e o mais novo foi preso.

Mesmo com a oposição limitada, ela tentou se reorganizar para reagir e derrubar o Diretório, o que foi em vão, pois ele contava com o apoio do exército, que graças à República Jacobina havia se fortificado. A estabilidade política na França se instaurou sobre um regime autoritário que ocupou Paris militarmente, anulou as eleições em 49 departamentos, caçou o mandato de 100 deputados, fechou a imprensa da oposição, ameaçou de morte ou deportação muitos nobres e padres, obrigando-os a sair do país. O Diretório tinha garantido o direito à proclamação de estado de sítio e após cinco anos, em novembro de 1799, foi dado um golpe de Estado que resultou na ascensão de três cônsules, o abade Sieyès, Roger Ducos e Napoleão Bonaparte, o qual assumiu o poder para si, terminando com a Revolução Francesa, fazendo com que as aspirações populares entrassem definitivamente para a história.

3. Os sans-culottes.

Os sans-culottes eram organizados, principalmente nas “seções” de Paris e nos clubes políticos locais, e forneciam a principal força de choque da revolução – eram eles os verdadeiros manifestantes, agitadores, construtores de barricadas. Através de jornalistas como Marat e Hébert, através de porta-vozes locais, eles também formularam uma política, por trás da qual estava um ideal social contraditório e vagamente definido, que combinava o respeito pela (pequena) propriedade privada com a hostilidade aos ricos, trabalho garantido pelo governo, salários e segurança social para o homem pobre, uma democracia extremada, de igualdade e de liberdade, localizada e direta. Na verdade, os sans-culottes era um ramo daquela importante e universal tendência política que procurava expressar os interesses da grande massa de “pequenos homens” que existia entre os polos do “burguês” e do “proletário”, frequentemente talvez mais próximos deste do que daquele porque eram, afinal, na maioria pobres.¹³

Sans-culottes (sem calções) foi a denominação dada às pessoas pobres que moravam em Paris e que não se enquadravam em uma categoria específica, por formarem um grupo heterogêneo. Receberam tal título, com cunho pejorativo, por usarem, no lugar dos calções rendados da nobreza, calças mais curtas apropriadas ao trabalho. Como também pertenciam ao amplo terceiro estado francês, obviamente dividiam das angústias e anseios populares, mas devido ao caráter majoritário burguês da Revolução, não puderam estar ativos em toda ela. Eles se organizaram, tinham lideranças e metas que ficaram mais evidentes no período de maior radicalidade do

¹³ HOBBSBAWN, E. J. A Revolução Francesa. In: _____. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 81.

movimento, a Convenção, pois foi quando os jacobinos assumiram o poder, os quais foram quem mais dialogou com os franceses pobres.

Devido à ação dos sans-culottes ter se dado naquele relevante momento, eles foram alvo de algumas pesquisas ao longo da história¹⁴, mas sem muita recorrência, afinal foram suprimidos logo após aquela fase. Por não terem sido os grandes líderes e vencedores da Revolução e como a história era contada de cima para baixo, personagens populares como eles têm de fato ganhado destaque somente no último século, o que justifica o esquecimento deles por muitos que não são especialistas no assunto. “O sansculotismo foi um fenômeno tão desamparado que seu próprio nome está praticamente esquecido, ou só é lembrado como sinônimo do jacobinismo que lhe deu liderança no Ano II.”¹⁵.

Os sans-culottes eram assalariados diversos, pequenos proprietários, operários, pequenos artesões, companheiros, aprendizes, carpinteiros, marceneiros, lojistas, etc. Devido às suas diferenças, não tinham uma ideologia de classe, seus objetivos e ideais eram próprios, por isso não dependiam de lideranças burguesas e o que mais se aproximava a eles era o jacobinismo. Entretanto, eles eram mais radicais e focavam suas lutas para a solução de problemas imediatos, o que algumas vezes as tornavam confusas.

Seus maiores inimigos eram os ricos e os grandes proprietários, respeitavam as pequenas propriedades, e aqueles que não a tinham, almejavam ter. Suas exigências do governo eram claras: garantia de trabalho, salários e segurança. O que significava uma intervenção governamental na economia e nos problemas sociais, a fim de limitar as riquezas, regulamentar os preços e lucros e ter assistência na saúde, na educação e em demais áreas. Obviamente defendiam a igualdade e a liberdade, lutavam por uma república em que a ação política fosse direta, ou seja, os cidadãos interferindo pessoalmente nas decisões do governo. Também faziam campanhas pela descristianização do Estado.

Inicialmente, os populares parisienses eram representados nas 48 seções administrativas da cidade, onde somente os cidadãos ativos participavam, os burgueses.

¹⁴ Albert Soboul, um dos maiores historiados sobre esse tema, estudou os sans-culottes no livro “Les sans-culottes parisiense em l’an II”, 1958. Nesse analisou suas aspirações, comportamento e manifestações na Revolução.

¹⁵ HOBBSAWN, Eric J. Terceiro capítulo. A Revolução Francesa. In: _____. *A era das revoluções: 1789-1848*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 82.

No entanto, as manifestações dos sans-culottes foram fundamentais para o fim da monarquia e instauração da República, contribuindo muito no combate à contra Revolução¹⁶. “Eram grandes agitadores, construtores de barricadas e, juntamente com o campesinato, constituíam as principais forças motrizes da Revolução.”¹⁷. Isso resultou em maior abertura a eles durante a Convenção, permitindo que suas reivindicações fossem atendidas, o que não durou muito. Assim, em 1792, as seções foram abertas aos cidadãos passivos, que começaram a organizar municipalidades de bairros, quando começaram a ser reconhecidos como sans-culottes. Essas seções eram os principais locais para a organização deles, mas também se reuniam em algumas cidades maiores das províncias e em clubes partidários próprios.

O iluminismo que se desenvolveu ao longo do século XVIII foi um dos principais movimentos intelectuais usado como legitimação do discurso revolucionário francês. Filósofos contratualistas tiveram suas ideias disseminadas pela sociedade, em especial entre os populares. Os sans-culottes também adotaram esses discursos, o que permite reconhecê-los como “rousseauismo radical”¹⁸, um posicionamento político-filosófico muito próximo aos jacobinos e por isso a aliança entre eles durante a Convenção, mas com a ressalva de que aqueles podem ser identificados como o jacobinismo de esquerda ou a extrema-esquerda.

Seu contingente alcançava, na Paris de 1791, consideradas 41 das 48 seções, 75.000 pessoas – ou seja, 300.000 com as famílias. A população total de Paris, recorde-se, era de cerca de 600.000 habitantes. Espalhados pela cidade distribuíram-se por todas as seções e não há relação entre grau de concentração e radicalidade. Tampouco foi o proletariado das fábricas o segmento mais radical das classes populares urbanas durante a Revolução. Os chefes de pequenas unidades artesanais e seus companheiros foram os polos aglutinadores do mundo do trabalho.¹⁹

Entre as lideranças dos sans-culottes, ou os revolucionários com quem eles mais simpatizavam, estavam Hébert e Marat, ambos exerceram influência através dos seus jornais, o que mostra que o principal veículo de comunicação e de difusão das ideias

¹⁶ O movimento que surgiu nos primeiros anos da Revolução, liderado pelos inimigos internos dela, por exemplo, o rei e a aristocracia, e externos, os outros países absolutistas europeus.

¹⁷ COSTA, Silvio. Parte II, capítulo III. In: _____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p. 104.

¹⁸ COSTA, Silvio. Parte II, capítulo III. In: _____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p. 104.

¹⁹ COSTA, Silvio. *Ibidem*. p. 104.

desse grupo era por meio da imprensa. Jacques Hébert (1757-1794) foi jornalista e parlamentar, fundou em 1790 o jornal “Père Duchesne”, que três anos depois se tornou porta-voz dos revolucionários radicais. Foi membro da Comuna Insurrecional de 10 de agosto de 1792 e substituto do procurador desta. Fez uma forte oposição aos girondinos e posteriormente a todos os suspeitos de contra revolução. Devido ao seu radicalismo, ele foi preso em março de 1794 e guilhotinado junto de seus seguidores. A sua grande presença e influência no movimento originou uma corrente revolucionária radical, chamada por “hébertistas”, próxima aos sans-culottes.²⁰

Jean-Paul Marat (1743-1793) tinha uma origem humilde, estudou medicina e publicou obras filosóficas, jurídicas e científicas. Em 1789 fundou o jornal “L’Ami du Peuple”, o qual usava para atacar a aristocracia e o rei Luis XVI. Membro do Comitê de Vigilância da Comuna em Paris foi eleito à Convenção Nacional (1792), onde assumiu posicionamentos radicais que o levaram a votar na execução do rei, protestar por uma ditadura revolucionária, provocar os populares contra a gironda e graças a eles, foi absolvido no Tribunal Revolucionário. Sua ação contrária aos girondinos foi importante na queda deles em junho de 1793, mas causou sua morte, um mês após esse fato, por Charlotte Corday, aliada a aqueles.²¹

4. A ação dos sans-culottes entre os anos 1792-1794.

O movimento dos sans-culottes também não forneceu nenhuma alternativa real. O seu ideal, um passado dourado de aldeões e pequenos artesãos ou um futuro dourado de pequenos fazendeiros e artífices não perturbados por banqueiros e milionários, era irrealizável. A história se movia silenciosamente contra eles. O máximo que podiam fazer – e isto eles conseguiram em 1793-4- era erguer obstáculos à sua passagem, os quais dificultaram o crescimento econômico francês daquela época até quase a atual.²²

Por não ser um grupo homogêneo e fortemente unificado, é compreensível que a ação dos sans-culottes tenha sido, em muitos momentos, confusa e perdida, sem um foco preciso, o que obviamente dificultou a obtenção de resultados mais prósperos e duradouros a eles. No entanto, excluí-los do movimento revolucionário é cometer o

²⁰ COSTA, Silvio. Anexo 2. Biografia sintética das principais personagens. In: _____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p.276-277.

²¹ COSTA, Silvio. Anexo 2. Biografia sintética das principais personagens. In: _____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p. 282.

²² HOBBSAWN, Eric J. Terceiro capítulo. A Revolução Francesa. In: _____. *A era das revoluções: 1789-1848*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 82.

mesmo erro daquela época, deixando os populares, seus anseios, lutas a margem da sociedade, o que é equivocado, pois o fato de não terem sido eternizados, não significa que não existiram.

Os primeiros anos da Revolução Francesa foram marcados pela ação da Assembleia Constituinte, a qual era formada pela burguesia e liderada pelos moderados, conhecidos como girondinos. Foi um período benéfico aos interesses burgueses, conseqüentemente esquentou os ânimos das duas classes opostas a eles, a aristocracia francesa ameaçada pelos revolucionários e os populares que viram suas queixas não serem atendidas. Os avanços dessa fase também representaram um risco à estabilidade das outras monarquias europeias, que aliadas ao rei Luis XVI, se posicionaram contra ao povo francês. Em meio a esse clima de tensão interna e externa no país, qualquer ação poderia ser determinante para o rumo da Revolução e os populares deixaram evidente que naquele momento não estavam dispostos a perder. Os anos de 1792-93 foram marcantes para eles.

No início da década de 1790, o quadro francês estava caótico em todos os sentidos: na economia que, devido à péssima safra de 1791²³, estava em crise e pressionava ainda mais as pessoas pobres, mobilizando-as para a Revolução. E na política externa, pois estava sobre a ameaça da invasão estrangeira, o que significaria a eclosão de uma guerra, que acabou dividindo os revolucionários. A gironda a apoiava, acreditava que ela traria êxito para o povo francês e o fim definitivo do absolutismo. Alguns jacobinos e os sans-culottes eram contrários a ela, porque apontavam como prioridade o combate aos inimigos internos. Robespierre (uma das lideranças dos jacobinos) criticava com veemência os brissontinos (que eram os girondinos liderados por Brissot), afirmava que a guerra acabaria sendo favorável aos monarquistas e ao marquês La Fayette, então líder do exército francês.

Em 1792 a guerra havia sido declarada, mas o exército, aliado ao rei, era fraco e totalmente despreparado, logicamente resultou em sucessivas derrotas. O povo francês se preocupou, mobilizou as massas que, em defesa nacional, fez ingressar um grande número de cidadãos passivos à Guarda Nacional e ao exército. Isso significava uma mudança na composição social das tropas e a rápida politização delas permitiu que os populares se armassem, surgia a nação armada. Obviamente isso equilibrou as forças

²³ O preço do pão estava altíssimo e a inflação atingia aproximadamente 60%.

políticas e setores radicais de esquerda foram beneficiados, os jacobinos e os sans-culottes.

Nessa época surgiram denúncias de que os reis franceses haviam informado os inimigos sobre os planos de guerra do país. Em junho de 1792 os populares invadiram o palácio das Tulherias, onde estava alojada a família real, e obrigaram Luís XVI a brindar à saúde da nação com eles. Essa manifestação popular não foi vitoriosa em conseguir resultados imediatos, pois o rei ainda manteve seu veto aos decretos que permitiam a mobilização para a guerra. Mas ela demonstrava a fragilidade dele e da Assembleia, que estavam perdendo o controle da situação política. “Os sans-culottes, impedidos de participar diretamente das disputas institucionais, afirmavam-se como poder popular independente.”²⁴. Em reação a isso, a Assembleia proibiu reuniões de cidadãos armados e os líderes dos sans-culottes foram perseguidos.

Um mês após a esse ocorrido, a guerra estava acirrada, com a entrada da Prússia, e a Assembleia teve que recorrer às forças populares como apoio. O prefeito de Paris, que havia sido suspenso, voltou ao seu cargo e os girondinos, que eram aliados à aristocracia e os principais incentivadores da guerra, viram sua posição enfraquecida. Conseqüentemente o espírito patriótico, revolucionário e republicano crescia em toda França.

Em 10 de agosto de 1792 ocorreu a Comuna Insurrecional, um dos episódios mais relevantes da Revolução. Sobre ameaça das forças externas contra revolucionárias, aliadas à monarquia francesa, os populares, através das seções administrativas de Paris, substituíram a Câmara municipal burguesa por uma Comuna revolucionária, eleita pelo voto universal direto. Essa organizou uma manifestação popular contra a monarquia e, na manhã daquele dia, eles marcharam sobre a Tulherias, obrigaram o rei a refugiar-se na Assembleia, resultando em cerca de mil feridos, vítimas de um conflito entre as forças do rei e as forças populares. A Comuna prendeu a família real, formaram um conselho para substituir o rei, marcando o início da Convenção.

Por causa da pressão popular, a Assembleia foi forçada a suspender as atribuições constitucionais do rei, nomear um Comitê Executivo Provisório até a realização das eleições (por voto universal masculino) da Convenção Nacional. Nesse

²⁴ COSTA, Silvio. Parte II, capítulo III. In: _____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p. 107.

período ficou evidente o conflito existente entre a Assembleia Legislativa, dos burgueses moderados, com a Comuna Insurrecional de Paris, dos revolucionários radicais, liderados por Robespierre, totalmente contrários a quaisquer vestígios do absolutismo e da aristocracia. O que torna perceptível a dualidade do movimento revolucionário francês.

Tal acontecimento significava mais uma vitória dos revolucionários radicais, sendo que os jacobinos e sans-culottes, em especial Robespierre, já vinham articulando o fim da Assembleia Legislativa. Assim, marcou-se o fim da monarquia absolutista francesa e dos privilégios da aristocracia feudal que ainda se arrastava pelo país.

Ao mesmo tempo, significou a derrota da grande burguesia moderada e na nobreza liberal, que procuravam estabelecer e consolidar um governo de conciliação nacional baseado em uma aliança das elites de notáveis, excluindo desse bloco de poder representantes de outras classes, frações e segmentos sociais: pequena burguesia, campesinato, artesões, pequenos comerciantes, operários, trabalhadores em geral, etc.²⁵

A Convenção assumiu no dia seguinte a Batalha de Valmy, a 21 de setembro de 1792, reconhecido então como ano I, pelo calendário revolucionário, e declarou República, que começava sob o comando dos girondinos. No entanto, o poder político da França continuava dividido entre os girondinos e os jacobinos, representados pelos chamados montanhese, pois sentavam no alto do plenário, conhecido como Montanha, aliados aos sans-culottes. As crises econômica e política continuavam, os desafios a serem enfrentados eram grandes, por exemplo, ganhar a guerra e estabilizar o país novamente. Os ânimos estavam acirrados e a partir de fevereiro de 1793, a pressão dos sans-culottes pela radicalização da Revolução foi apoio fundamental à ação dos jacobinos contra a gironda, que no começo daquele ano conseguiram aprovar algumas medidas mais próximas à extrema esquerda.

Os girondinos se mostravam cada vez mais contrários aos jacobinos e dispostos a perseguir os sans-culottes. Em reação a isso, em junho de 1793, esses organizaram uma manifestação com cerca de 100 mil pessoas, cercaram a Convenção e, junto à Guarda Nacional, exigiram a prisão dos deputados girondinos acusados de traição, afinal eram contrários aos rumos populares que a Revolução vinha tomando. Tal fato desencadeou a prisão de 29 deputados e dois ministros girondinos, consolidando o golpe

²⁵ COSTA, Silvio. Parte II, capítulo III. In: _____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p. 108.

pela tomada de poder pelos jacobinos, representados pelos montanhese, aliados dos sans-culottes. Começava a República Jacobina, fase mais dura da Revolução, conhecida pelos conservadores como o período do Terror, quando houve 17 mil execuções oficiais nos 14 meses que se seguiram.²⁶

No entanto, o que é perceptível é um dualismo de posicionamentos ao longo dela, pois também teve um forte caráter popular e foi relevante para o reestabelecimento de uma maior estabilidade no país. Ao final dela toda a França estava sobre firme controle, os invasores tinham sido totalmente expulsos, os exércitos franceses eram três vezes maiores e pela metade do custo anterior, ocupavam a Bélgica e o valor da moeda francesa era razoavelmente estável. A pressão dos sans-culottes por um rígido regime, no qual todos os possíveis inimigos eram combatidos, foi a alternativa encontrada para conseguir alcançar de fato os planos revolucionários não ligados à alta burguesia e muito menos à aristocracia. A queda de Robespierre acarretou um descontrole econômico, uma série de fraudes e corrupção, culminando na volta de uma inflação altíssima.

Os jacobinos sabiam que tinham que manter o forte apoio dos sans-culottes e os girondinos afastados do poder. Naquele mesmo mês aprovaram a Constituição mais democrática que a França já conhecera, na qual era permitida a insurreição popular; garantia o sufrágio universal masculino, que a felicidade de todos era obrigação do governo e que todos teriam acesso aos seus direitos, entre eles instrução, trabalho, liberdade; esboçava o preceito do seguro social. Aboliram por completo a estrutura feudal que ainda restava, a escravidão nas colônias francesas, facilitaram os negócios para os pequenos compradores de terras.

Criaram o Comitê de Salvação Pública, o primeiro poder executivo da Revolução, também os de Segurança Geral, Finanças, Fiscalização e o Tribunal Revolucionário, conhecido como Grande Terror, pois estava no topo da hierarquia revolucionária. Danton assumiu o Comitê de Salvação Pública, mas Robespierre tomou seu lugar graças ao apoio dos populares, o que foi extremamente importante durante seu governo, tanto que quando ele o perdeu, perdeu também seu poder.

²⁶ HOBBSAWN, Eric J. Terceiro capítulo. A Revolução Francesa. In: _____. *A era das revoluções: 1789-1848*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 86.

Uma série de problemas foi surgindo e minando com a fase da República jacobina. As províncias começaram a se revoltar, colocando-se contrárias à Paris, o exército passava por uma má fase e a guerra custava cada vez mais para o povo francês. O governo instaurou uma política de salvação pública, em defesa nacional, na qual, pela primeira vez na Europa, todo o país e seus recursos se voltavam para a guerra. A fim de suprir o exército, foram confiscadas colheitas, produtos dos artesãos, sapatos, roupas, móveis, as igrejas tiveram seus sinos fundidos. As fábricas de armamentos e as metalúrgicas foram nacionalizadas. Sob pressão dos sans-culottes, os preços foram controlados, mas os salários estavam congelados pela “lei do máximo geral”.

O sucesso nas batalhas foi alcançado, os inimigos foram afastados. No entanto, os aliados também, pois essas medidas não agradaram os populares que tiveram seus ânimos agitados, principalmente os sans-culottes, com o julgamento e a condenação dos hébertistas. Os sans-culottes pediram pela radicalização da Revolução e torceram pelo Terror instalado na França, mas não esperavam que se tornariam futuras vítimas da violência que eles próprios estimularam. Consequentemente, os jacobinos foram perdendo o apoio das massas, facilitando a retomada pelos girondinos.

Em julho de 1794, Robespierre ainda tentou manter o poder, mas foi vítima de um complô entre os deputados da planície (considerados como neutros na Convenção) aliados aos burgueses moderados. Ele, Saint-Just e mais 20 jacobinos foram guilhotinados no dia 28 daquele mês e no dia 11 de agosto outros 71 também, maior número de execuções em um só dia.²⁷ Recomeçava o governo dos girondinos, agora no Diretório, significando o fim definitivo da república jacobina e dos desejos populares.

5. Conclusão.

Os sans-culottes eram um grupo diverso em sua formação, anseios e causas, mesmo assim uniram forças decisivas na fase mais marcante da Revolução Francesa. Entretanto, isso também foi responsável pela derrocada deles, levando ao esquecimento. Seu fervor, radicalismo e suas grandes aspirações foram fundamentais para a consagração da Revolução Francesa como um dos maiores ícones da história mundial. Em contrapartida fez com que eles se perdessem em suas lutas, tornando-as em vão naquele momento. Foi a sua própria formação e ações que os colocaram como

²⁷ OSTERMANN, Nilse Wink; KUNZE, Iole Carreta. *Às armas, cidadãos!:* a França revolucionária 1789-1799. São Paulo: Atual, 1995. p. 78.

personagens coadjuvantes, em um momento que, no fundo, talvez tenham sido os principais. E é por essa razão que não merecem ser ignorados na narrativa histórica, como foram em sua época.

Referências bibliográficas:

COSTA, Silvio. Parte II, capítulo III. In:_____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p. 103-126.

COSTA, Silvio. Anexo 2. Biografia sintética das principais personagens. In:_____. *Revolução e contra-revolução na França*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, V. I. p. 276-277, 282.

HOBBSBAWN, Eric J. Terceiro capítulo. A Revolução Francesa. In:_____. *A era das revoluções: 1789-1848*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 71-94.

OSTERMANN, Nilse Wink; KUNZE, Iole Carreta. *Às armas, cidadãos!: a França revolucionária 1789-1799*. São Paulo: Atual, 1995.

SOBOUL, Albert. Introdução. In:_____. *A Revolução Francesa*. São Paulo: Difel, 1986. p. 39-45.

SOBOUL, Albert. Segunda parte, capítulo 5. A Convenção Termidoriana. A Reação Burguesa e o Fim do Movimento popular (julho de 1794-maio de 1795). In:_____. *A Revolução Francesa*. São Paulo: Difel, 1986. p. 366-376.